



CARLOS ANDRÉ LUZ DE FREITAS

**UMA ANÁLISE DOS SIGNOS IDEOLÓGICOS EM CONTEXTO DE
GUERRA HÍBRIDA**

LAVRAS - MG

2021

CARLOS ANDRÉ LUZ DE FREITAS

**UMA ANÁLISE DOS SIGNOS IDEOLÓGICOS EM CONTEXTO DE GUERRA
HÍBRIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Letras Português-Inglês,
para obtenção do título de Licenciado.

Prof. Dr. Marco Antônio Villarta Neder
Orientador

**LAVRAS – MG
2021**

Dedico este trabalho
à minha companheira Lutrícia
e à minha mãe Márcia

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio e pela paciência

À Lutrícia, pela presença constante e pelo companheirismo

Ao meu orientador, professor Marco Antônio Villarta Neder, pela acolhida e pelas pertinentes considerações

Aos professores da banca Helena Maria Ferreira e Rafael Junior de Oliveira, pelos apontamentos e leituras criteriosas do trabalho

Aos demais professores do curso, por todo o aprendizado durante estes anos

Aos colegas de curso, pela interação nas mais diversas disciplinas e trabalhos

À Universidade Federal de Lavras, pela oportunidade de formação

Às demais instituições e professores que contribuíram com minha formação nesta caminhada

Aos colegas e amigos que conquistei ao longo destes anos, em especial ao Tiago Goes Cardoso

À Biblioteca da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, que me proporcionou experiências profissionais de estágio

Aos meus companheiros de luta, em especial os amigos do Partido dos Trabalhadores

O meu agradecimento a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a concretização deste trabalho

*Fique você com a mente positiva
Que eu quero é a voz ativa (ela é que é uma boa!)
Pois sou uma pessoa
Esta é minha canoa: Eu nela embarco
Eu sou pessoa!
(Conheço o Meu Lugar, BELCHIOR, 1999)*

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta a análise da construção sócio-ideológica presente na aplicação das estratégias de Guerra Híbrida no território brasileiro nos anos de 2015 e 2018. Busca-se relacionar os signos ideológicos com a teoria estratégica dos cinco anéis do indivíduo, que é a base sobre a qual se estabelecem os campos ideológicos visados pelo discurso de dominação política perpetrado pelo imperialismo estadunidense, e contribuir com o estudo sobre o papel do signo ideológico, sob uma ótica dialógica e marxista, nos estudos da linguagem. Para isso, o trabalho apoia-se em bases filosóficas do materialismo histórico dialético e fundamenta-se teoricamente nos conceitos da filosofia bakhtiniana da linguagem (Círculo de Bakhtin), especificamente em Volóchinov, bem como em conceitos da teoria da Guerra Híbrida. Propõe-se uma abordagem de análise qualitativa de cunho exploratório, visando estabelecer pontos de contato entre os signos ideológicos e os campos ideológicos dos cinco anéis. Os objetos de análise são dois vídeos veiculados, respectivamente, nos canais do *Youtube* do jornal “Folha de São Paulo” (2015) e do “Canal Púrpura” (2018), que contemplam uma série de pequenas entrevistas com manifestantes de atos relacionados à Revolução Colorida, um componente da Guerra Híbrida. A partir de uma seleção discursiva desses materiais, estabelece-se uma relação entre os campos ideológicos representados nos cinco anéis e os signos ideológicos que compõem o discurso desses manifestantes. Conclui-se apontando as relações com os campos ideológicos que possibilitam a formação dos signos e as conexões estratégicas destes na efetuação da Guerra Híbrida no Brasil.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Signo ideológico. Guerras híbridas. Ideologia. Teoria dos cinco anéis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sistema do inimigo.....	18
Figura 2 – Cinco anéis do alvo sociedade.....	19
Figura 3 – Cinco anéis do alvo indivíduo adulto (exemplo).....	19
Figura 4 – Panorama da Revolução Colorida.....	21
Figura 5 – Nuvem de palavras ocorridas no HGPE.....	26
Figura 6 – Configuração possível dos cinco anéis do sujeito no Brasil.....	28
Figura 7 – Padrão Fifa.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 PERCURSO FILOSÓFICO: DA DIALÉTICA MARXISTA ÀS NOÇÕES BAKHTINIANAS	12
2.2 IDEOLOGIA, SIGNO IDEOLÓGICO E ÊNFASE VALORATIVA.....	14
2.3 A TEORIA DOS CINCO ANÉIS NO CONTEXTO DA GUERRA HÍBRIDA	17
3 METODOLOGIA.....	24
4 ANÁLISE DE DADOS	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

O Brasil passou recentemente, num breve espaço de tempo, por diversas mudanças econômico-políticas. Após um período econômico considerado desenvolvimentista e soberano, posto em prática pelos governos petistas dos presidentes Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Vana Rousseff (2011-2016), setores da classe dominante nacional e internacional mergulharam o país em um período de crise que culminou em um golpe de Estado e, posteriormente, em uma eleição que elegeu um candidato da extrema-direita. Esse cenário não poderia deixar de ser acompanhado por um processo de mudanças que vai desde a base das relações econômicas até a superestrutura, *locus* das ideologias. Um primeiro marco para a compreensão histórica desse contexto remonta às jornadas de junho de 2013, com o movimento passe livre e as subsequentes reviravoltas que levaram milhares de pessoas às ruas, às vezes até mesmo sem terem o que reivindicar, conformando o início da implementação da política de Guerra Híbrida dos Estados Unidos da América no território brasileiro, que, de acordo com Korybko¹, inicia com a denominada operação Lava Jato². O resultado de uma parte disso é já sabida: a troca de governo, mediante perseguições e processos jurídicos que, para acontecer, precisava de uma consolidação de condições ideológicas, psíquicas, discursivas etc., demonstrando o importante papel da linguagem para operar uma mudança social que devolveu nosso país ao posto de subordinação aos EUA, em condições cada vez piores.

É nesse contexto que o presente texto busca se inserir, partindo das seguintes perguntas geradoras: a) como se analisa a materialização da linguagem nos signos ideológicos produzidos em um contexto brasileiro de Guerra Híbrida? b) como estabelecer as relações concretas entre a estratégia dos cinco anéis do indivíduo e os signos ideológicos, na perspectiva de Volóchinov? c) de que maneira os estudos bakhtinianos contribuem para a análise dos signos ideológicos que fizeram parte da Guerra Híbrida?

Tendo em mente essas questões, pontuam-se alguns objetivos, dos quais o principal reside em verificar a relação do signo ideológico com as cinco áreas ideológicas dos anéis individuais, isto é, os campos ideológicos visados pela Guerra Híbrida, em geral, e a Revolução Colorida, em particular, para atrair multidões de pessoas a seu movimento.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X33FaR_hTH4>

² Para conferir uma descrição sobre a Lava Jato feita pelo Ministério Público Federal, acesse: <<http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>>

O presente texto apoia-se em pressupostos filosóficos do materialismo histórico dialético, tal qual descritos por Chakhnazárov e Krássine (1985), segundo a obra *Fundamentos do marxismo-leninismo*, bem como nas observações de Marx (2008 [1859]) a respeito da (infra)estrutura e da superestrutura e na colocação do *locus* dos fenômenos ideológicos, conforme discutido por Volóchinov (2018 [1929-1930]), em sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (doravante MFL).

Nessa perspectiva, este trabalho elege como objetivo precípua a tarefa de compreender as relações concretas da prática estratégica da teoria dos cinco anéis individuais da Guerra Híbrida (KORYBKO, 2018) com a ideologia, em geral, e com o signo ideológico, em particular, na perspectiva do Círculo de Bakhtin, referenciada em Volóchinov (2018 [1929-1930]).

Com vistas a um detalhamento da proposta desta investigação, elege como objetivos específicos: a) identificar o processo de materialização e desenvolvimento dos signos ideológicos, na perspectiva do Círculo de Bakhtin, particularmente de Volóchinov (2018), no contexto de Guerra Híbrida no Brasil, mediante conceitos presentes em Korybko (2018); b) analisar a estratégia dos cinco anéis como cinco esferas de campo ideológico mais características de um dado território em um dado tempo histórico; c) fornecer subsídios para uma futura interpretação do atual contexto histórico brasileiro, rebuscando os elementos da linguagem que o sustentam.

Para a fundamentação científica dos estudos da linguagem, utilizam-se as referências do Círculo de Bakhtin, em geral, e de Volóchinov (2018), em particular, compreendendo o estudo sobre a ideologia, o signo ideológico e a ênfase valorativa, ou valoração sógnica. Grande parte dessas noções se encontram nos três capítulos da Parte I (A importância dos problemas da filosofia da linguagem para o marxismo) de MFL, bem como em capítulos da Parte II (Os caminhos da filosofia da linguagem marxista), principalmente no capítulo 4, *Tema e significação na língua*.

A contextualização dos conceitos pertinentes às Guerras Híbridas, como por exemplo, a noção de Revolução Colorida e a estratégia dos cinco anéis individuais, encontra-se em Korybko (2018), em sua obra *Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*.

O *corpus* de análise é constituído por dois vídeos de autorias diferentes, publicados na plataforma do *Youtube*, um do canal “Folha de São Paulo” e outro do “Canal Púrpura”, recortando três signos de cada vídeo. Os critérios de escolha são descritos na metodologia, bem como a identificação das falas e dos signos. A análise percorre uma metodologia qualitativa exploratória (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995. CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

Por fim, traçam-se alguns apontamentos sobre os signos ideológicos selecionados para análise e busca-se relacioná-los aos cinco anéis individuais e suas influências na adesão de pessoas ao movimento da Revolução Colorida.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PERCURSO FILOSÓFICO: DA DIALÉTICA MARXISTA ÀS NOÇÕES BAKHTINIANAS³

O problema da relação entre a matéria e o espírito é um problema filosófico fundamental e a resposta dada à pergunta sobre essa relação compreende inúmeras consequências, inclusive para o desenvolvimento científico de uma sociedade. Sem desconsiderar as várias possibilidades de uma resposta para a relação entre matéria e espírito, a base dessa atitude responsiva, se assim podemos chamá-la, indica dois exércitos adversários em filosofia (TSÉ-TUNG, 2018): de um lado, o idealismo, que compreende o espírito, isto é, a consciência como criadora da realidade, e, portanto, o pensamento como elemento primário e a realidade, ou a matéria, como elemento secundário dessa relação. De outro lado, o materialismo, que compreende a realidade como existente independentemente do pensamento, portanto, o pensamento, a consciência, subordina-se à realidade.

Posto isso, a compreensão acerca dos fenômenos da realidade ou do pensamento que cria essa realidade assume também duas formas, excludentes entre si, a saber, a metafísica e a dialética (TSÉ-TUNG, 2018). A metafísica postula a existência de uma razão universal, o primado de uma ideia subjetiva ou mesmo a existência do divino, como fator regulador e ordenador dos fenômenos no tempo da eternidade, o que quer dizer que para os idealistas os fenômenos são eternos, regidos por leis, por assim dizer, ideais, “supra terrenas”. Seu contrário, a concepção dialética, concebe a lei dos fenômenos como leis interiores a esses fenômenos, movidas por contradições internas, e nunca desligadas do todo, ou seja, compreendendo a relação de todos os fenômenos entre si e com o todo da realidade. Nessa perspectiva, pode-se dizer que o materialismo dialético estabelece a noção de que os fenômenos e, portanto, a realidade, pode ser transformada, sendo, por esta razão, o materialismo dialético, a ferramenta intelectual da classe explorada, ou mais precisamente, da classe proletária, conforme pontuam Marx, Engels e os marxistas. Uma vez que a matéria possui uma relação de dependência com o tempo e o espaço e encontra-se em constante movimento, visto que em seu interior a luta dos contrários rege a lei de seu desenvolvimento, os fenômenos da realidade, conforme Tsé-Tung (2018), Chakhnazárov e Krássine (1985), são constantemente reorganizados e/ou superados,

³ Por noções bakhtinianas, este trabalho entende o Círculo de Bakhtin, em geral, e Volóchinov (2018), em particular.

num processo de encadeamento e desenvolvimento, nos quais não necessariamente encontram um fim, mas revelam-se em constante processo de movimento.

Ainda, para esses autores, a dialética verifica, na história, uma série de leis, das quais reproduzem-se aqui algumas delas. “A lei filosófica da unidade e luta dos contrários confirma que são as contradições internas a origem do movimento e desenvolvimento dos objetos e fenômenos”; “a lei filosófica da passagem das mudanças quantitativas a qualitativas mostra como decorre o eterno processo de renovação do mundo material, os saltos, o fim daquilo que é caduco e o surgimento do novo”; “a lei filosófica da negação da negação revela o caráter progressivo do desenvolvimento, que decorre de forma ascendente, do inferior para o superior, do simples para o complexo” (CHAKHNAZÁROV; KRÁSSINE, 1985, p. 29-34).

É assumindo essa compreensão filosófica do mundo que o materialismo dialético incorpora também o elemento da história para estabelecer as leis gerais do desenvolvimento dos fenômenos da realidade, distinguindo a história natural da história social. Têm-se aqui, brevemente expostos, os princípios filosóficos do materialismo histórico dialético.

Para Karl Marx, no campo da história social:

[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. *A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência.* Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então. De formas evolutivas das forças produtivas que eram, essas relações convertem-se em entraves. Abre-se, então, uma época de revolução social. (MARX, [1859] 2008, p. 47, grifo meu.)

Dito de outro modo, o encadeamento das relações econômicas e, portanto, das relações de trabalho, que compõem a realidade social, é a base sobre a qual se condicionam os pensamentos, a consciência social, enfim, as formas ideológicas e as ideologias que vão preenchendo as consciências individuais. Não obstante, a superestrutura não é mero reflexo da estrutura econômica – ela também é construída ativamente e se desenvolve mediante a luta dos contrários, conforme a perspectiva dialética. Nesse sentido, para os marxistas (VOLÓCHINOV, 2018. TSÉ-TUNG, 2018.), a ideologia não é uma fração metafísica ou ideal

da realidade, nem uma realidade-reflexo de uma realidade objetiva. Considerando sua manifestação na linguagem, a ideologia está presente na concepção materialista do signo ideológico, na palavra viva trocada socialmente (VOLÓCHINOV, 2018).

O Círculo de Bakhtin⁴ reconhece o *locus* da ideologia no escopo da superestrutura e na relação desta com a base real. No entanto, no campo dos estudos sobre a ideologia, como observado por Volóchinov, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL) [1929-1930], a compreensão do fenômeno ideológico assentava-se em bases pré-marxistas:

[...] em todas aquelas áreas que os fundadores – Marx e Engels – tocaram de leve ou não abordaram em absoluto, as categorias mecânicas se arraigaram. No geral, todas essas áreas ainda se encontram no estágio do materialismo mecânico pré-dialético. Isso se expressa no fato de que, até o presente momento, reina a categoria da causalidade mecânica em todas as áreas da ciência sobre a ideologia. Além disso, ainda não foi eliminada a compreensão positivista do empírico: o culto do ‘fato’ que não é compreendido do ponto de vista dialético, mas como algo inabalável e firme. Essas áreas ainda foram pouco tocadas pelo espírito filosófico do marxismo. (2018, p. 84)

Complementando o exposto, o autor pontua que os estudos sobre a ideologia não compreendiam a materialidade específica da linguagem no tocante aos fenômenos ideológicos, confundindo por vezes o fenômeno da ideologia como fenômeno da consciência, isto é, regido pelas leis da consciência, do ponto de vista psicológico, o que inviabilizava de fato uma ciência da ideologia.

As formas ideológicas da superestrutura são várias, por exemplo, as formas jurídicas, artísticas, religiosas, filosóficas, políticas etc. O que une todas elas, justamente na base da linguagem, são os signos, objetos únicos e materiais prenes de significação social, que refletem e refratam a realidade. No entanto, ainda segundo Volóchinov (2018, p. 94), o fenômeno ideológico apresenta um modo específico de se orientar na realidade em cada campo da construção ideológica. Para o autor, o signo resulta de um embate valorativo, no campo das interações discursivas, entre grupos/classes sociais.

2.2 O SIGNO IDEOLÓGICO

⁴ O Círculo de Bakhtin é composto pela produção teórico-filosófica de Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov, Pavel Medviédev, entre outros. Cf. PAULA, Luciane de. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, pp. 239-258, jan./jun. 2013.

Para Volóchinov ([1929-1930] 2018, p. 93), o campo ideológico coincide com o campo dos signos, portanto, “onde há signo há também ideologia”. O signo é um elemento semiótico que, ao empreender uma representação do mundo, opera, numa espécie de síntese, uma refração desse mundo. Seu direcionamento ideológico provém, justamente, de sua *significação sígnica* (VOLÓCHINOV, 2018, p. 93). Assim, para o autor, a ideologia não é regida pelas leis (psicológicas) da consciência, mas pelas leis próprias dos fenômenos ideológicos, determinados pelas esferas correspondentes dos campos da construção ideológica. Além disso, Volóchinov (2018, p. 95) pontua que a ideologia se materializa através dos signos sociais que, mediante a interação social, preenchem as consciências humanas. Isso leva Tchougounnikov (s/d, p. 1) a afirmar que “o signo ideológico é uma unidade constitutiva da consciência humana”. Por isso, a natureza do signo revela-se de ordem social, construída pelo conjunto dos homens.

Uma vez que o produto ideológico “é uma parte da realidade natural e social, mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 91), ele pode distorcer a realidade, ser-lhe fiel etc., envolvendo, portanto, no encadeamento das atitudes responsivas da interação social, as categorias de avaliação ideológica⁵ (falso, verdadeiro, justo, bom, mau etc.) (VOLÓCHINOV, 2018, p. 93).

Segundo Volóchinov,

[...] a realidade do signo é bastante objetiva e submete-se unicamente ao método monista de estudo objetivo. O signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo, quanto todos os efeitos por ele produzidos, ou seja, aquelas reações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele gera no meio social circundante, ocorrem na experiência externa. (2018, p. 94)

Em outras palavras, o signo é um elemento material, concreto, que acontece e só pode existir nas bases de uma sociedade organizada enquanto tal, sendo ele um fenômeno idiossincrático do mundo externo, semelhante a um material que se estabelece como uma unidade de contrários. Portanto, o desenvolvimento do signo é estabelecido a partir das leis dialéticas da negação da negação e da transformação da quantidade em qualidade, gerando novas ressignificações, ou seja, no movimento do conjunto das interações sociais de um determinado tempo e espaço, o signo passa a negar alguns de seus traços semânticos de reflexão e refração, alcançando novos traços. Isso ocorre mediante seu desenvolvimento no conjunto de usos, isto é, considerando a orientação social desse signo e, portanto, o desenvolvimento de sua

⁵ As categorias de avaliação ideológica são exteriorizadas, ou *socializadas*, no material sígnico através da ênfase valorativa, “que acompanha todo conteúdo [do signo]” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110).

valorização, de sua ênfase valorativa. Quanto mais o signo é usado no conjunto dos sujeitos da sociedade, maiores as probabilidades de nele se operar uma mudança qualitativa. Nesse sentido, há que se considerar as ênfases multidirecionadas do signo ideológico, qualidade que configurará o signo como palco da *luta de classes* (VOLÓCHINOV, 2018, p. 113). De modo que uma palavra, por mais corriqueira que uma vez tenha parecido ser, com o tempo pode se desenvolver a ponto de tornar-se um signo ideológico em determinado tempo-espaço social, configurando-se como verdades para um, mentiras para outro, dúvidas para um terceiro, a depender da posição do sujeito do discurso. Um exemplo disso é o termo *selfie* que, segundo Costa (2017), tem sido bastante utilizado, refletindo e refratando a sociedade contemporânea no que tange às novas relações de produção e de desenvolvimento tecnológico e, por isso, vem ganhando espaço também nas discussões acadêmicas.

Além disso, o processo dialético do encadeamento e do desenvolvimento do signo, tanto no nível da criação quanto no nível da compreensão, ocorre na oposição de um signo a outro e no desdobramento dos elos sógnicos, na forma de uma cadeia contínua que vai de um signo a outro e depois a um novo signo. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 95). Estruturalmente, o signo ideológico contempla, indissolavelmente, um conteúdo, ou tema, sempre acompanhado de ênfase valorativa, e uma forma (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110-112).

Volóchinov (2018, p. 109, grifo do autor) afirma que “*as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação*”. São as formas da comunicação, da interação social, e, portanto, das relações do ser social, que gestarão as formas do signo. O conteúdo, ou tema, do signo, é apresentado pelo autor (2018, p. 111) como sendo a realidade “que se torna objeto do signo”, isto é, a realidade refratada sintetizada pelo signo.

A ênfase valorativa diz respeito à qualidade interindividual e, portanto, social da atribuição de valor que pretende o reconhecimento social, sendo realizada no material ideológico (VOLÓCHINOV, 2018, p. 111). O entendimento do social contempla, aqui, as classes sociais e, nesse sentido, o signo ideológico será perpassado axiologicamente por ênfases multidirecionadas, ocorrendo em seu interior o embate avaliativo das classes sociais.

Essas noções guiam este trabalho na compreensão e na análise da unidade do signo ideológico e na aferição de suas qualidades de reflexão e refração.

2.3 A TEORIA DOS CINCO ANÉIS NO CONTEXTO DA GUERRA HÍBRIDA

Andrew Korybko (2018), analista político estadunidense e autor do livro *Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*, afirma a existência de um novo modelo de guerra, perpetrado pelos Estados Unidos da América, com vistas a atingir um certo monopólio político, mediante a desestabilização de um Estado “inimigo”, para aplicar neste outro território uma troca de regime benéfica aos perpetradores da Guerra Híbrida. A esse novo modelo estratégico de guerra, dá-se o nome de Guerra híbrida, uma vez que ela incorpora dois outros modelos de guerra indireta – além de várias teorias militares, como a teoria do caos, a dos cinco anéis, a abordagem indireta e o ciclo OODA e a liderança velada⁶ -, não obstante, conformando-se em novo tipo. De um lado, ela incorpora a chamada revolução colorida, cujo objetivo é o de “tomar o poder e derrubar a liderança do Estado” (KORYBKO, 2018, p. 28), mediante o uso de campanhas “informativas” contra o Estado-alvo e, de outro lado, a guerra não convencional, para caso a revolução colorida falhe, na qual os atores da guerra são os agentes desvinculados do Estado, isto é, os civis do Estado-alvo, que se comportam agora como manifestantes armados. Isso significa que a guerra híbrida é um processo integrado, com um mesmo objetivo, cabendo à etapa da revolução colorida o processo mais visível do que podemos chamar aqui de disputa ideológica. Nesse sentido, é de grande importância para o desenvolvimento da análise proposta neste trabalho, o conceito da teoria dos cinco anéis, explicado a seguir.

O formulador do conceito estratégico dos cinco anéis foi o coronel das Forças Aéreas dos EUA John Warden. O conceito remete a uma sistematização sobre o “inimigo”. Para Warden (apud KORYBKO, 2018), o inimigo pode ser visto como um sistema em que operam 5 níveis gravitacionais interligados. A figura 1 representa esses elementos, do anel mais externo ao mais interno:

⁶ *Teoria do Caos*: Fundada por Steven Mann em 1992. Entende o caos como uma dinâmica não linear que pode ser padronizada e ordenada. Em analogia ao sistema de *software*, diz o fundador (apud KORYBKO, 2018, p. 32): “para mudar a energia de conflito das pessoas – diminuí-la ou direcioná-la de maneiras favoráveis a nossos objetivos de segurança nacional – precisamos modificar o *software*. Como os *hackers* nos ensinaram, a forma mais agressiva para modificar um *software* é usando um ‘vírus’, e o que é a ideologia senão um vírus de *software* para seres humanos?”.

Abordagem indireta e ciclo OODA: Elaboradas, respectivamente, por B. H. Liddell Hart em 1954 e John Boyd, com posterior desenvolvimento de Robert Greene. A abordagem indireta é uma estratégia de guerra indireta concebida metodologicamente através de elementos inesperados e indiretos, visando abalar o psicológico do inimigo-alvo. O ciclo OODA refere-se ao entendimento do processo de tomada de decisão. Esse ciclo se inicia pela Observação da situação, passando pela Orientação, ulterior Decisão e, por fim, Ação. Na guerra híbrida, o ciclo OODA é visualizado na composição do inimigo-alvo. Somadas, “A imprevisibilidade inerente à abordagem indireta dribla o ciclo OODA do alvo desorientando-o, debilitando assim sua capacidade de tomar as decisões certas e de agir de maneira mais apropriada” (p. 31).

Liderança velada: Forma política discreta de assistência militar dos EUA através do uso de aliados de seus interesses, ou líderes, também chamados de marionetes.

Figura 1 – Sistema do inimigo



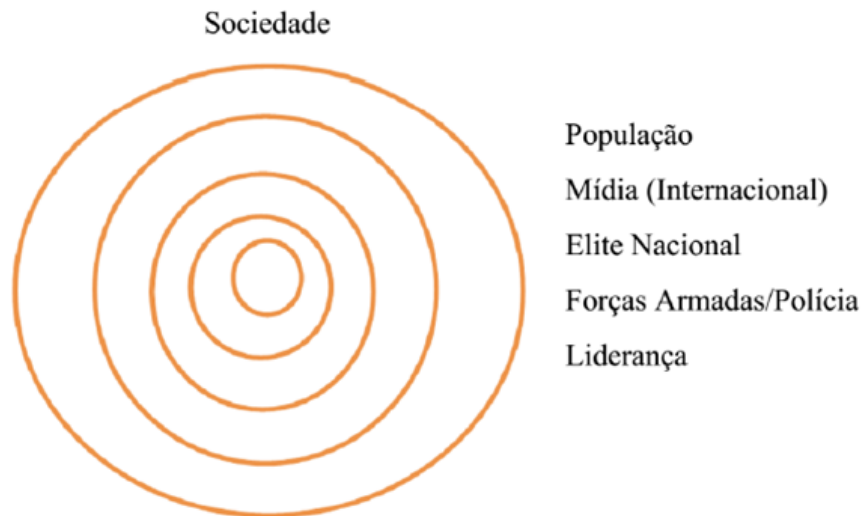
Fonte: Korybko, 2018, p. 27.

Esse conceito estratégico-militar identifica, portanto, que

Quanto mais próximo do núcleo um ataque, mais poderoso e reverberante ele será. Um golpe contra as bases do sistema, por exemplo, afetará todos os círculos a sua volta, ao passo que atingir as forças militares em campo manterá o ataque isolado somente a esse anel (KORYBKO, 2018, p. 27).

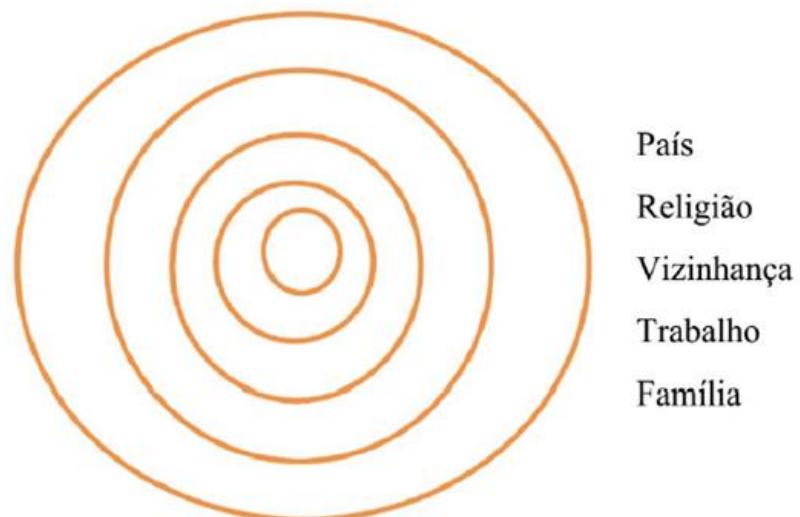
A aplicabilidade desse conceito na Revolução Colorida, diferentemente da concepção original, ocorre em dois conjuntos diferentes de anéis, o primeiro diz respeito ao *alvo sociedade* e o segundo ao *alvo indivíduo*. O que nessa teoria é chamado de indivíduo, pode ser transposto, na teoria bakhtiniana, por sujeito, guardada as devidas proporções. Segundo Korybko (2018, p. 28), o alvo sociedade é visado “pela Revolução Colorida *en masse* uma vez tomada a decisão de dar início à desestabilização”, porquanto o alvo indivíduo é visado no sentido de ser “pescado para o movimento”. Reproduzem-se a seguir as figuras correspondentes aos cinco anéis da sociedade (Figura 2) e aos cinco anéis do indivíduo (Figura 3), com as legendas do anel mais externo ao mais interno:

Figura 2 – Cinco anéis do alvo sociedade



Fonte: Korybko, 2018, p. 28.

Figura 3 – Cinco anéis do alvo indivíduo adulto (exemplo)



Fonte: Korybko, 2018, p. 29.

Assim, os 5 anéis da sociedade revelam a forma possível de desdobramento da tentativa de tomada do poder e da derrubada da liderança. A ideia aqui é, remetendo a Sun Tzu (apud KORYBKO, 2018, p. 11), “quebrar a resistência do inimigo sem lutar”, o que significa dar a impressão de que o anel mais externo, a população, está se unindo, como num enxame, subjugando as instituições do governo, para golpeá-lo diretamente, driblando os demais anéis. No caso de haver resistência por parte da mídia nacional e/ou da elite nacional, por exemplo, a mídia internacional ou mesmo as Forças Armadas podem tentar intimidá-las para que abandonem. No caso de haver resistência pelas Forças Armadas ou pela polícia, mesmo sob pressão da mídia internacional ou mesmo interna, o mais provável é a simultânea ativação da guerra não-convencional. Este último caso se tornou bastante visível na Ucrânia, na chamada EuroMaidan, e no caso da Síria.

Por fim, o segundo alvo da Revolução Colorida é o sujeito, que através de um procedimento de grande base de coleta de dados, será ao máximo induzido a aderir ao movimento *de massa*. Pode-se deduzir, portanto, que a aplicabilidade dos cinco anéis para o sujeito é relativamente variável, conformando dados sobre os diferentes elementos culturais, regionais, etários etc. Assim, há ênfases diferenciadas para o lugar social que o sujeito ocupa na esfera familiar, na esfera religiosa, nas interações com a comunidade e nas relações com sua nação.

Considera-se que a Revolução Colorida foi aplicada no Brasil, por meio de movimentos desenhados no âmbito dessas esferas, haja vista os acontecimentos das jornadas de 2013, que começaram com manifestações locais contrárias às tarifas de transporte coletivo, como o “movimento passe-livre” e que, aos poucos foram se tornando grandes espetáculos, acompanhados ao vivo pelas mídias nacionais, e insuflaram o processo de impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. A Revolução Colorida parece ter sido canalizada posteriormente, por exemplo, pela campanha e vitória eleitoral do candidato da extrema-direita, Jair Bolsonaro. A figura 4 busca recuperar parte desse processo:

Figura 4 – Panorama da Revolução Colorida



Fonte: elaboração própria a partir de imagens na internet

Como processo inacabado, pode-se afirmar que, desde então, o Brasil passa por uma experiência prática de guerra híbrida, como demonstra Korybko em entrevista⁷ e em vídeo lançado recentemente⁸. Korybko (2018, p. 33) afirma que “em seu âmago, a guerra híbrida é o caos administrado” e deixa subentendida a possibilidade de um eminente confronto armado, do qual é exemplo o grupo de ativistas “300 do Brasil”⁹.

Para Volóchinov (2018), a confusão metodológica que se fazia sobre a ideologia, à época do lançamento de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* [1929-1930], de encará-la como fenômeno da consciência, não deixava de encerrar um pensamento idealista. Ora, se o idealismo parte de um pensamento que ignora *a priori* a realidade, no que o revela enquanto qualidade filosófica da classe exploradora (TSÉ-TUNG, 2018), uma de suas prerrogativas na esfera ideológica política, no campo da guerra, é justamente escolher um signo ideológico que inverta a realidade objetiva, isto é, que a refrate falseando-a, de modo que a noção de *guerra de*

⁷ Pode ser acessado em: <<https://www.brasilefato.com.br/2018/10/19/agentes-externos-provocaram-uma-guerra-hibrida-no-brasil-diz-escritor>>

⁸ Pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=X33FaR_hTH4>

⁹ Uma matéria sobre o grupo pode ser acessada em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/06/15/o-que-e-300-do-brasil-grupo-de-extrema-direita-liderado-por-sara-winter.htm>>

informações (KORYBKO, 2018) se configura unilateralmente. Ao inseri-la no escopo de operações psicológicas, não a revela, antes de tudo, como operações ideológicas.

Assim, se o objetivo da Revolução Colorida, aliada à estratégia dos cinco anéis do indivíduo, é conquistar pessoas para realizá-la, a operação se dará através de um aparelhamento ideológico dessas pessoas, mediante a realidade dos signos ideológicos. Aqui não compete se o olhar sobre os fatos é traduzido em informações verídicas ou não, em notícias verdadeiras ou em “fake news”¹⁰. De fato, as informações são constituídas, antes, por realidades sígnicas. A cada círculo do anel corresponderá uma cadeia de signos ideológicos, prenes de traços reacionários, que parecem conformar uma visão de mundo em acordância com os valores de determinada classe, a classe dominante. Daí que, de um lado, o conteúdo ideológico passe desapercibido para muitas pessoas que recebem o bombardeio das informações, aderindo ao movimento, e, de outro, que seja “apagado”, escamoteado, por parte daqueles que têm interesse na Revolução Colorida.

Nesse sentido, Korybko (2018) aponta, na seção “Anexos” de sua obra, que remete à aplicação da Revolução Colorida, fatores que compõem o que ele chama de uma *infraestrutura primária*, onde se localiza o fator ideológico. Para o autor,

A Ideologia é o foco central para qualquer mudança no mundo, e é a ideia motriz que dá movimento a todos os demais fatores presentes em uma revolução colorida [Financiamento, Social, Treinamento, Informação, Mídia]. Sem ideologia, tudo que vem a seguir é vazio e sem significado ou propósito. A ideologia tradicional que mobiliza todas as revoluções coloridas é a democracia liberal, e ela busca ‘libertar’ os Estados-alvo de governos vistos como antidemocrático-liberal (ou seja, não ocidentais). [...] A ideologia é, portanto, o ponto de partida de todas as revoluções coloridas. [...] A ideologia do indivíduo acima do coletivo (o aspecto social da democracia liberal) apodera cada um dos manifestantes a sentir-se exercendo um impacto único e significativo na promoção dessa mudança. (p. 115-116)

Vale apresentar como parêntese que o autor analisa Revoluções Coloridas nos continentes europeu e asiático, o que implica numa constatação direta de que o processo de “libertação” a que o autor se refere, no Brasil, se relaciona diretamente com o fato de nosso país ter mantido relações diplomáticas e econômicas com os principais países adversários dos EUA, isto é, a Rússia e a China, alvos centrais, ainda que externos, do objetivo final das guerras híbridas, além de países como Cuba e Venezuela. De fato, foi dessa pedra de toque que se retomou o conteúdo ideológico de o Brasil estar, de 2013 em diante, primeiro sob o “poder de

¹⁰ Fake News é uma expressão que recentemente vem sendo usada com o sentido de divulgação de notícias falsas. Neste trabalho o termo é empregado de forma genérica.

uma ditadura comunista”, nas palavras dos manifestantes da Revolução Colorida, e depois, sob risco de ela voltar¹¹. Mas já se vê aí a refração distorcida da realidade, uma vez que o Brasil nunca passou por uma revolução socialista e sequer caminha para o comunismo, estando plenamente em uma democracia liberal desde 1988, ano em que se estabeleceu a Constituição ainda hoje vigente. Ressalta-se que o signo reflete e refrata uma realidade outra, na concepção bakhtiniana que embasa este trabalho, portanto, as valorações e, logo, as representações que os manifestantes fizeram do governo anterior, demonstram desconhecimento do que vem a ser de fato o socialismo ou o comunismo. Isso não significa, necessariamente, que não tenham vivido esse período sob essa valoração.

No entanto, discorda-se do autor que o conteúdo concreto da ideologia aplicada pela Revolução Colorida seja a ideologia liberal¹². Lênin, em obra publicada em 1917, sob o título de *Imperialismo: estágio superior do capitalismo*, já apontava que o capitalismo de países centrais havia superado o liberalismo, marcado pela livre competição, e entrado na época do monopólio, do imperialismo. Na medida em que isso ocorre na base econômica, em caráter mundial, a superestrutura capitalista precisa acompanhar esse movimento, sob pena de ver sua representação do mundo, enquanto classe dominante, ruir. Considera-se, portanto, haver aqui a ideologia imperialista. Não obstante, como aspecto reacionário da ideologia dominante, tem-se em pleno acordo que, como apontado por Korybko (2018, p. 116), essa ideologia percebe o indivíduo, o subjetivo, o ideal, como algo acima do coletivo, do objetivo e do material. Esse olhar invertido sobre a realidade é o que sustenta o princípio de que “[...] a vasta maioria desses manifestantes ativos sequer pode suspeitar de que suas atividades estão sendo orquestradas por um poder superior [...]” (p. 115). Entretanto, sabe-se que, nas palavras de Volóchinov (2018, p. 111), “somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se”, de modo que nenhuma forma ideológica pode assumir corpo fora do coletivo, da realidade social. O bombardeio de informação centraliza o domínio de um

¹¹ Veja-se, por exemplo, em: <<https://www.cartacapital.com.br/carta-explica/o-brasil-e-um-pais-socialista/>>, <<https://exame.com/blog/money-report-aluizio-falcao-filho/um-aviso-aos-que-marcharam-ontem-contra-o-comunismo/>> e <<https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/05/28/que-ameaca-comunista-e-esta-de-que-o-governo-tanto-fala.htm>>.

¹² Veja-se, por exemplo, o aspecto liberal do pensamento de Adam Smith no que tange ao papel (educacional) do Estado, conforme citado por Marx (apud FERRARO, 2009): “[Adam Smith] recomenda o ensino popular pelo Estado, embora em doses prudentemente homeopáticas”. Em geral, pode-se dizer, o liberalismo identificava no Estado um elemento mediador e, por vezes, remediador de conflitos. Atualmente, os ideólogos burgueses defendem o “Estado mínimo”, a privatização das instituições educacionais públicas (e gratuitas), para dizer apenas no nível educacional, configurando essa nova ideologia, como alguns teóricos irão chamar, de neoliberalismo, dentre outros termos. Aqui preferimos o termo imperialismo, por ser mais abrangente e melhor relacionado com a noção de estágio monopolista do capitalismo.

“poder superior”. No Brasil, fez também com que tomasse a forma de um movimento “contra a ideologia”¹³.

Para situar e delimitar a perspectiva marxista do presente texto, consideram-se aqui três perspectivas ideológicas: a do imperialismo (burguesia norte-americana e setores reacionários da burguesia brasileira), a do desenvolvimentismo (setores progressistas da burguesia nacional e pequena-burguesia) e a do socialismo (classe proletária/trabalhadora). Tem-se, portanto, que a avaliação de Korybko (2018), em relação às Guerras Híbridas, encerra-se de certa forma na primeira ideologia. Assim, este é o foco deste trabalho, destacando sua característica comum de servir à ideologia geral do capitalismo. Além disso, entende-se que a aplicação dos cinco anéis do sujeito só pode ocorrer através da linguagem, considerando a perspectiva ideológica do imperialismo e o conceito bakhtiniano de que todo uso da linguagem é ideológico.

Na escolha aferida em consequência dos dados coletados previamente para a aplicação da Guerra Híbrida, as palavras encapsuladoras (CAVALCANTE, 2003)¹⁴ que compõem os anéis assumem já um determinado campo ideológico, bem como um direcionamento valorativo sógnico. Por exemplo, um anel caracterizado no campo “família”, dentro da lógica da Guerra Híbrida, isto é, no pressuposto de alargamento político da dominação imperialista, abafará, como reflexo e refração da realidade, a relação (e principalmente as contradições dessa relação) entre família e propriedade privada¹⁵, no que tange a pautas progressistas, operando de maneira inversa, reforçando, por exemplo, o machismo e atacando o feminismo.

3 METODOLOGIA

Tendo em vista um percurso metodológico que una os elementos apresentados até aqui a fim de estabelecer uma análise de signos ideológicos presentes na estratégia de Revolução Colorida, compor-se-ão os cinco anéis do indivíduo para o contexto brasileiro, tomando por base alguns elementos-chave citados na pesquisa de Lopes, Albuquerque e Bezerra (2020): anticorrupção/antissistema, antiesquerda, conservadorismo, discurso econômico. Optou-se, na análise, por uma metodologia de cunho qualitativo, em tom exploratório.

¹³ Veja-se, por exemplo, em: <<https://www.politize.com.br/escola-sem-partido-entenda-a-polemica/>>

¹⁴ Segundo a autora, “encapsular consiste em resumir proposições do discurso empacotando-as numa expressão referencial” (p. 115).

¹⁵ No campo da filosofia, ela foi estudada cabalmente por Engels, vide a obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.

Delimitou-se o *corpus* de análise em dois vídeos de diferentes autorias, publicados na plataforma do *Youtube*, um no canal “Folha de São Paulo”, de 2015, e outro no “Canal Púrpura”, de 2018. Para a seleção dos vídeos, usou-se como primeiro critério a pesquisa no site do *Youtube* com as expressões “manifestantes explicam por que” e “entrevista apoiadores bolsonaro”. Um segundo critério foi a extensão dos vídeos, estabelecida entre 10 a 15 minutos. O terceiro critério estabelecido é de que fossem vídeos divulgados por canais diferentes. Assim, os dois primeiros vídeos que encaixaram nesses critérios, foram selecionados para análise.

Por essas razões, os objetos de análise são alguns signos ideológicos recortados de falas de manifestantes, a partir desses dois vídeos de cunho entrevistativo encontrados na plataforma do *Youtube*. Os vídeos são analisados sem levar em consideração a autoria da produção audiovisual, bem como dos recursos provenientes dessa produção, por exemplo, o enquadramento da câmera, dentre outros. Anterior à análise, busca-se elaborar uma configuração possível dos cinco anéis, a partir de um estudo de propaganda eleitoral de 2018 (LOPES; ALBUQUERQUE; BEZERRA, 2020) que concatena termos mais utilizados na propaganda eleitoral gratuita do então candidato Jair Bolsonaro, gerando a imagem de uma nuvem de palavras filtradas em eixos discursivos, o que auxiliará na montagem dos cinco anéis.

Em relação ao primeiro vídeo, de nome “Em ato contra governo, manifestantes explicam por que foram às ruas”, a análise é realizada a partir da transcrição dos enunciados dos manifestantes. O vídeo tem uma duração de 11 minutos e 4 segundos, numa exposição ao estilo curta-metragem, como gravação planejada, na forma de espetáculo, com trabalho estético etc., o que revela de um lado o aspecto midiático da revolução colorida. Desse modo, visa-se fornecer uma contextualização característica da manifestação de Revolução Colorida em relações imbricadas com a linguagem. Nesse sentido, o peso da escolha desse vídeo recai sobre o contexto panorâmico do objeto de nosso estudo e a metodologia assume uma forma exploratória. Isso também porque os signos ideológicos no material da palavra parecem, nessa época de 2015 e na seleção das falas das pessoas entrevistadas, não ter contornos exemplarmente traduzidos, embora já se verifique toda uma projeção valorativa e ideológica nas palavras.

Já para o segundo vídeo, de nome “Esquerdista entrevista apoiadores de Bolsonaro” (2018), com duração de 14 minutos e 41 segundos, busca-se estabelecer uma análise dos signos, remontando a seu aparecimento na história recente, verificando suas características temáticas e formais na relação que estabelecem com os cinco anéis do sujeito e com as bases materiais da sociedade e os processos valorativos desses signos sociais.

Essa análise aponta para alguns signos ideológicos relevantes para a compreensão da relação entre ideologia e a teoria dos cinco anéis. São eles: *camisa verde e amarela, padrão FIFA e bandida* (Folha de S. Paulo, 2015), *kit gay, ideologia de gênero e escola sem partido* (Canal Púrpura, 2018). Os conceitos utilizados para a análise dos signos ideológicos, na perspectiva de Volóchinov, são signo ideológico, campo ideológico, sujeito, orientação social, ênfase valorativa (ou valoração sógnica), apresentados na fundamentação teórica.

4 ANÁLISE DE DADOS

A aplicação da estratégia dos cinco anéis no nível individual para angariar pessoas para o movimento é extremamente variável e prescinde de uma análise sobre a realidade do local onde será aplicada. Entende-se que uma busca por essas informações só possa ser estabelecida mediante uma análise dialógica do discurso (PAULA, 2013) dos manifestantes. Acredita-se que o material discursivo também revela mais nitidamente os contornos ideológicos dessa aplicação no conjunto da Guerra Híbrida. No entanto, a extensão deste texto é muito reduzida para fazer esse “caminho de volta”, e além disso, a Guerra Híbrida como processo inacabado, demandaria uma investigação também para fora das manifestações, com certa metodologia de investigação em campo considerando um grupo suficiente de pessoas, de diferentes classes sociais etc.

Nesse sentido, a pesquisa de Lopes, Albuquerque e Bezerra (2020) apresenta uma nuvem de palavras, considerando as recorrências de vocábulos no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) do então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro, reproduzida a seguir (figura 5):

Figura 5 – Nuvem de palavras ocorridas no HGPE



Eixo Discursivo	Anticorrupção/antissistema	Antiesquerda	Conservadorismo	Discurso econômico
-----------------	----------------------------	--------------	-----------------	--------------------

Fonte: Lopes, Albuquerque e Bezerra (2020)

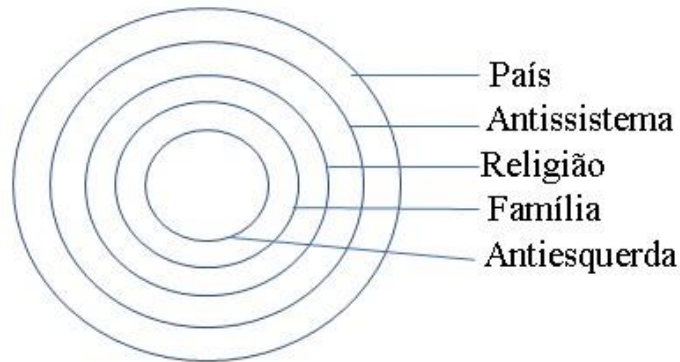
As autoras subdividem os eixos discursivos do HGPE do então candidato Jair Messias Bolsonaro em anticorrupção/antissistema, antiesquerda, conservadorismo e discurso econômico, como visto na figura 5. Com exceção do discurso econômico, esses eixos discursivos mantêm uma relação geral com o contexto de Guerra Híbrida no Brasil e uma relação particular com a aplicação da estratégia dos cinco anéis. Ressalta-se aqui o eixo discursivo Conservadorismo, que abarca os anéis *família, religião, país*, e os eixos Anticorrupção/antissistema e Antiesquerda, com os respectivos campos: *corrupção e esquerda*.

Esses campos são importantes para a recomposição dos cinco anéis do sujeito, não obstante seja necessário ainda retirar deles o que se pode chamar de suas essências. Família, religião e país (este último pode ser entendido como a organização social de um país, o patriotismo ou o sentimento de nacionalidade) já representam núcleos duros da representação circular dos anéis. Acredita-se que o item da corrupção também, cabendo dizer que se relaciona com a *Res publica* (“coisa pública”) e com a noção anti-establishment (“antissistema”). O anel referente a anticorrupção/antissistema, nesse sentido, proverá o discurso ideológico imperialista, uma vez que sua “rejeição” ao sistema é uma rejeição unilateral ao governo que se pretende destituir, ao mesmo passo em que visa enfraquecer política e economicamente o país-alvo (e países vizinhos, principalmente aqueles não alinhados aos interesses estadunidenses), forjando, por exemplo, condições de mudanças legislativas que favorecem a entrada do capital estadunidense e seu conseqüente crescimento político e econômico nesses territórios-alvos. Como forma mais abrangente dessa categoria, pode-se expressá-la no anel antissistema, digamos assim, o nível ideológico forjado para as reivindicações do movimento.

Por fim, no campo *esquerda*, tem-se como essência o anel *antiesquerda*, num claro respaldo das campanhas anticomunistas consolidadas no Ocidente durante o século XX, voltadas, como se vê na figura 5, também em contraponto a países da América Latina que rejeitam a política imperialista dos EUA. É notável, portanto, a atribuição de valor negativo ao signo “esquerda”, favorecendo estrategicamente uma criação discursiva na qual tudo que pareça criticar ou questionar o movimento seja posto como um discurso “de esquerda”. Esse anel parece ser o mais fecundo campo para invadir o sistema inimigo, sendo considerado aqui, portanto, o núcleo desse sistema.

Nesse sentido, a estrutura dos cinco anéis pode ser composta da seguinte forma (figura 6):

Figura 6 – Configuração possível dos cinco anéis do sujeito no Brasil¹⁶



Fonte: elaboração própria

Essa composição dos cinco anéis do sujeito no caso brasileiro referencia os locais de incidência onde serão operados os bombardeios de informação, ou em outras palavras, as esferas do campo ideológico visadas pela Revolução Colorida, no alcance de adeptos para o movimento.

Isso posto, pode-se voltar à análise do discurso dos manifestantes que, sem ter conhecimento acerca da Revolução Colorida, fazem parte dela. É nítida a diferença do discurso de manifestantes do início das jornadas de 2013, que dirigiam reivindicações no âmbito do transporte público, com o discurso de manifestantes “posteriores”, no momento em que a Revolução Colorida se revela ao ter consolidado certo controle ideológico sobre as reivindicações¹⁷.

O primeiro vídeo, “Em ato contra governo, manifestantes explicam por que foram às ruas”¹⁸, produzido em 2015 pela Folha de São Paulo, apresenta uma centralidade do discurso dos manifestantes entrevistados voltados ao impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. As falas selecionadas para composição do vídeo parecem representar diferentes perspectivas sobre o acontecimento, donde se ouvem manifestantes pelo impeachment, pela intervenção

¹⁶ Como forma de confluir as fundamentações teóricas, optou-se por deslocar a nomenclatura “anéis individuais” para “anéis do sujeito”, atendendo aos pressupostos da filosofia bakhtiniana da linguagem.

¹⁷ Veja-se, por exemplo, um vídeo mais espontâneo, de cunho entrevistativo, sob o nome de “Entrevista com manifestantes movimento Passe Livre 2013”, de junho de 2013, disponível no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=qJrSbGjhnXk>>.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JBrkxiBpCVQ>>.

militar, ou mesmo por uma outra mudança, pode-se dizer, uma mudança de costumes ou uma mudança moral (neste último caso, por acreditarem faltar um “fato gerador” para “pedir o impeachment da Dilma”).

É notório, antes de tudo, por se tratar de um vídeo, o peso do signo ideológico da *camisa verde e amarela*, a camisa da seleção brasileira de futebol. É importante lembrar que em 2014 toma lugar no Brasil a Copa do Mundo, com tentativas externas de boicote e de protestos internos (dentro do estádio de futebol) contrários ao governo. Nesta época, por exemplo, surgiu a expressão *padrão FIFA*. A imprensa jornalística e televisiva repetia bordões como *queremos uma educação padrão FIFA, queremos saúde padrão FIFA, queremos segurança padrão FIFA* etc. (Figura 7). Isso revela a oportunidade que a Copa gerou para a continuidade e crescente uso social de discursos da revolução colorida, considerando os anéis diretos do *antissistema*, do *país* e do *antiesquerda*, mas não só.

Figura 7 – Padrão Fifa



Fonte: Diálogos políticos, 2013. Disponível em: <<https://dialogospoliticos.wordpress.com/2013/07/02/o-mito-do-bordao-padrao-fifa/>>

Uma das primeiras manifestantes entrevistadas no vídeo, ao ser, aparentemente, questionada sobre o impeachment e seus desdobramentos, diz o seguinte: “No momento, não resolveria grandes coisas, mas a gente pelo menos lavaria a alma de tirar essa... BANDIDA [ênfase] do... do governo” (0:55-1:02, 2015). Assim, ela dirige seu discurso ao tempo presente (“No momento”) – em outras falas, alguns manifestantes dirigem seus enunciados a um tempo futuro -, e o constrói tendo em vista o outro (a entrevistadora e o público da emissora) a que seu enunciado se dirige, entendendo, muito provavelmente, nesse caso, que o outro compartilha dos

mesmos valores políticos que ela. Por isso o tom genérico e o uso de palavras sem referentes explícitos (“coisas”, “lavar a alma”, “bandida”, “governo”). No entanto, sua fala é muito enfática ao substituir o referente implícito claro a todos os manifestantes (“Dilma”) por *bandida*, o que revela aí um signo ideológico importante na função de refratar a realidade, compondo um “sistema” de visão de mundo. Nesse sentido, o anel central *antiesquerda* é corroborado com o anel *anticorrupção/antissistema*. Esses anéis precisam, portanto, conter um repertório de signos ideológicos que os mobilizem e os relacionem entre si, com vistas a invadir o “sistema do inimigo” e lançá-lo ao movimento dos manifestantes da Revolução Colorida. Um deles é essa noção de que o campo político da esquerda rouba dinheiro do povo, é corrupta. Sendo assim, num nível lógico, temos o silogismo daí deduzido: A esquerda rouba. Dilma é de esquerda. Logo, Dilma rouba. Decorre disso que a família, núcleo das relações desse indivíduo nessa visão de mundo, deve proteger seus filhos de serem roubados pela esquerda ladra. No seu percalço, a religião, com o campo ideológico valorativo de discurso, acrescenta o signo cultural do *mal*, da *imoralidade*, do símbolo diabólico à figura do campo político da esquerda, expresso na figura de Dilma. Por isso, para esses manifestantes, é necessário destitui-la de seu cargo na presidência e recorrer a uma mudança também nos costumes e na moral, uma vez que, para eles, a realidade social foi corrompida, contaminada, durante uma gestão nefasta. Portanto, aparenta a esses manifestantes que seu dever é mudar seu país.

Ou seja, todos esses signos (camisa verde e amarela, padrão FIFA, bandida) recuperam semanticamente as cargas maniqueístas do mundo das ideias, do idealismo. Embora, para os sujeitos-manifestantes, esses signos preencham suas consciências, conferindo sentido à realidade viva/vivida, o traço idealista ou reacionário do signo, faz parecer que a realidade foi distorcida, corrompida, e que deve ser restituída. É nesse sentido que Volóchinov afirma:

Justamente aquilo que torna o signo ideológico vivo e mutável faz dele um meio que reflete e refrata a existência. *A classe dominante tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, bem como a apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoacentual.*

Contudo, [...] qualquer signo ideológico tem duas faces. Qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira. Essa dialética interna do signo revela-se na sua totalidade apenas em épocas de crises sociais e de mudanças revolucionárias. Em condições normais da vida social, essa contradição contida em todo signo ideológico é incapaz de revelar-se em absoluto, pois *na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje. Isso determina a particularidade do signo ideológico de*

refratar e distorcer a realidade dentro dos limites da ideologia dominante (2018, p. 113-114, grifos nossos).

O caráter reacionário da ideologia dominante, no caso a ideologia imperialista/capitalista, presente na Revolução Colorida, monoacentua os signos ideológicos na conformação discursiva dos manifestantes, ainda que numa época de crise social, com a intenção de relacionar a realidade com signos que aparentam eternos e alheios à luta de classe. Afinal, para os manifestantes, eles estão agindo fora da política, apoliticamente. Exemplo concreto disso foi a própria campanha política de Jair Bolsonaro, materializada na camisa verde e amarela, por vezes com a mancha de sangue que remonta ao episódio em que recebeu uma facada, com o escrito *Meu partido é o Brasil*¹⁹, numa clara rejeição aos partidos políticos “consolidados”, estabelecendo-se, nesse sentido, nos campos *antissistema* e *país*.

Ao contrário de demonstrar um período de “mudanças revolucionárias”, a pretensa Revolução Colorida reflete um período de descenso revolucionário, no qual a estrutura econômica da sociedade capitalista, a qual Marx ([1859] 2008, p. 47) se referia, precisa reduzir seu desenvolvimento a fim de evitar que sua contradição seja superada por uma revolução socialista (salto qualitativo para uma nova formação econômico-social), e no mesmo andamento, a superestrutura, em seus vários campos ideológicos, também precisa frear o avanço possível das classes subjugadas a fim de evitar que a ideologia socialista se torne hegemonicamente dominante no embate social dos signos pelos sujeitos.

Ainda sobre a ênfase no discurso da manifestante, quando diz “bandida”, pode-se afirmar que ela está buscando um reconhecimento social dessa relação sógnica. Pelo fato de a ênfase ideológica ser sempre social, por isso exteriorizada no material da linguagem, a manifestante a expressa tendo em vista sobrepôr o signo *bandida* ao nome Dilma, como um atributo real e indissociável, expondo assim o *tema*, o conteúdo, do signo ideológico. Pode-se dizer, portanto, que um dos elos da cadeia sógnica que transcorre pelos diferentes anéis individuais surge como correspondência a essa relação sógnica. Por exemplo, em momento posterior, a mesma manifestante, ao dizer que lutou épocas atrás contra a ditadura, demonstra desconfiança no fato de Dilma ter lutado contra a ditadura: “[...] Eu não acredito na luta que ela diz que ela fez. Na verdade, ela era uma filhinha de papai, rebelde, que gostava de se mostrar, de aparecer. Eu LUTEI, eu lutei (...)” (5:09-5:19, 2015). Isso está nitidamente posto em “luta que *ela diz que ela fez*”. Em seguida, vem a representação familiar (“filhinha de papai”) e a

¹⁹ Veja-se, por exemplo, a tentativa de popularização da camisa de campanha em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/na-regiao-da-25-de-marco-camisetas-de-bolsonaro-sao-vendidas-a-r-20.shtml>>.

colocação que relaciona “esquerda – bandido – vive às custas dos outros / não trabalha”, culminando por fim, na contraposição do exemplo individual – “Eu lutei – (ela não)”. Desse modo, o discurso vai se alinhando, de signo em signo, na forma de um silogismo: Todo bandido mente. Dilma é bandida. Logo, Dilma mente. Repara-se que é precisamente na assimilação refratada de uma existência em formação, a saber, um conteúdo jurídico para impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, que se sustenta na relação direta da sobreposição Dilma e *bandida*.

Ainda nesse vídeo, Kim Kataguirí, membro do Movimento Brasil Livre (MBL), diz o seguinte: “Pra moldar o nosso discurso aqui, a gente foi em tudo quanto é lugar [gestos com as mãos delimitando o espaço da manifestação], perguntar pra tudo quanto é tipo de pessoa, o que que elas queriam. E aí a gente fazia uma comparação principalmente entre ‘combate à CORRUPÇÃO’ e o ‘impeachment em si’. A maioria das pessoas quer o impeachment” (1:08-1:21, 2015). Um membro (Eduardo Santos Pereira) do Movimento Vem pra Rua diz o seguinte: “Não tem como ter impeachment. Tanto é que você não vê a gente gritar daqui [de cima do trio elétrico] impeachment, não é o nosso intento” (2:31-2:39, 2015).

Ambos concordam que o signo do impeachment deve ser levantado pelas pessoas, que eles estão ali – em cima do trio elétrico, isto é, com estrutura financiada – só para ouvirem o que as pessoas têm a dizer. Obviamente, essas falas não passam de engodos. Kataguirí sublinha a comparação dos termos *corrupção* e *impeachment*, dando a entender que as pessoas na manifestação encaram o impeachment como algo muito mais urgente.

Cabe verificar aqui que tanto Kim Kataguirí como Eduardo Santos Pereira utilizam da estratégia de abafar a direção ideológica do movimento, buscando fazer com que os manifestantes pensem que são suas consciências individuais gritando, que o signo ideológico não está ali presente, que não há uma intenção prévia conduzindo ideologicamente o movimento.

O segundo vídeo, “Esquerdista entrevista apoiadores de Bolsonaro”²⁰, , produzido em 2018, às vésperas da eleição presidencial, pelo Canal Púrpura, busca trazer contraposições às falas dos manifestantes, intercalando os discursos para essa composição. Observa-se pelas perguntas e respostas o foco direcionado ao anel antiesquerda, de modo a situar melhor o núcleo dos cinco anéis do sujeito anteriormente expostos (figura 6).

Para isso, elencamos três signos ideológicos retirados do vídeo, a saber, *kit gay*, *ideologia de gênero* e *escola sem partido*. O primeiro surge como aparente reação, em 2010, a

²⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p4VgX4Kii7w>>.

um conteúdo preparado pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (ABGLT) ao lado de Organizações Não Governamentais para fazer parte do programa federal instituído em 2004 chamado “Brasil sem Homofobia”²¹. É sabido que os sujeitos LGBT enfrentam discriminações em diversas áreas de trabalho, isso quando o preconceito não chega a evitar a entrada desses sujeitos no mercado de trabalho. Consequentemente, a população LGBT+ busca avançar em conquistas de direitos específicos. Dessa forma, surge no contexto político o programa Brasil Sem Homofobia, que tem em vista não só reduzir a desigualdade que afeta essa população, como também reduzir a violência contra ela. O signo ideológico do *kit gay* surge então como freio a essas conquistas. Se a ideologia dominante contém traços reacionários que conferem ao signo uma noção eterna e acima da luta de classes, vê-se que rejeitará, por um lado, a qualidade da desigualdade social na configuração dos gêneros. Por outro lado, incorpora um traço valorativo de negação a essa camada social que, na medida em que cresce, inclusive, assusta o *status quo* da ordem vigente. Essa existência em formação (VOLÓCHINOV, 2018, p. 101), portanto, é acompanhada por uma refração ideológica, culminando na forma sígnica *kit gay*.

O conteúdo, ou tema, desse signo (VOLÓCHINOV, 2018, p. 111), referindo-se à sua própria realidade (refratada), ganhará extensos contornos semânticos e reverberatórios. Nesse sentido e tendo em vista a relação construtiva com os cinco níveis dos anéis individuais, pode-se dizer que o tema do signo encontrará reverberação em todos esses anéis. Com a premissa de que a defesa de direitos da população LGBT+ seja proveniente de uma política de esquerda, totalmente aparelhada, inclusive no campo educacional, o signo *kit gay* vincula essa defesa e esse pretense ideário da figura do profissional educador com um certo traço de imposição de uma cultura sobre outra, no sentido de espelhar uma noção de que a esquerda quer que todos sejam gays, a começar pelo ensino dessa anomalia no terreno da educação infantil. Prontamente, essa questão reverberará no anel posterior, o da família, como símbolo da proteção paterna e materna de sua prole, conferindo um traço semântico de “inimigo externo” do seio familiar ao signo *kit gay*. Assim, portanto, pode-se vincular ao tema do signo *kit gay* a semântica geradora do anel nuclear *antiesquerda*.

Continuando seu percurso pelo sistema do indivíduo visado pela Revolução Colorida, o signo alcança também qualidades no campo religioso, abarcando significações como

²¹ Sobre os produtos do programa federal em união com entidades de representação civis, confira: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf> e <<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/bGjtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHeySJ6cuAr5ggvfw/e-scola-sem-homofobia-mec.pdf>>.

depravação, imoralidade etc. Adiante, englobará ainda, no anel antissistema, um contraponto em relação ao que se entenderá por politicamente correto, ou mais especificamente, o *kit gay*, como produto materializado, é distribuído por profissionais educadores situados num sistema ao avesso. Ao que, entende-se, o sistema educacional deve ser negado tal como se apresenta. Por fim, no anel mais externo, o do país, vai encerrar ao tema do *kit gay* o traço de que *é por isso que o Brasil não vai pra frente*²². Portanto, ao existir o conteúdo do *kit gay*, existe uma humilhação do próprio país.

A par de todo o processo de construção do conteúdo, ou tema, desse signo ideológico, teremos o *multidirecionamento de ênfases valorativas* que o acompanham (VOLÓCHINOV, 2018, p. 112-113), isto é, o palco da luta de classes no interior do signo (que só pode ser de natureza) social. Embora o signo *kit gay* tenha se originado anos antes, provavelmente entre 2010 e 2011, é na corrida presidencial que a expressão ganha mais força. O signo *kit gay* é alimentado posteriormente por outro signo, componente de seu tema, que é a *mamadeira de piroca*, não tratado neste trabalho. Se, portanto, de um lado, aqueles que apoiavam o candidato que trazia o signo *kit gay* para o debate eleitoral conferiam avaliações positivas em relação ao signo (o signo lhes despertava verdade, raiva etc.), por outro lado, aqueles contrários ao candidato avaliavam o signo como mentira, com tom jocoso etc. O acréscimo do elemento *mamadeira de piroca* ao signo *kit gay*, potencializará, então, o embate do palco avaliativo, da ênfase social.

Com o signo *ideologia de gênero* não é muito diferente. No contexto deste trabalho, considera-se que o conceito de gênero começou a ser usado no Brasil em decorrência do movimento feminista, a partir de 1970, com uma ampliação acadêmica entre 1980 a 1985, segundo Guedes (1995)²³. Vale ressaltar que, no espaço de debates sobre gênero, a expressão utilizada é *estudos de gênero* (CORRÊA, 2001). É também num contexto de formação de dada existência, quando os usos do termo vão se expandindo, que se vai operando uma refração ideológica e valorativa (através do palco da luta de classes no interior desse signo) dessa existência. Assim, no âmbito ideológico da Revolução Colorida, amplifica-se o signo na forma *ideologia de gênero*.

O tema desse signo, isto é, a realidade criada através do signo, perpassará também por todos os cinco anéis. Iniciando pelo anel antiesquerda, observa-se novamente como a ênfase valorativa acompanha esse tema. A própria palavra *ideologia* é atribuída, tematicamente, ao

²² Frase que circula no cotidiano, talvez em contraponto à época da Ditadura, em que havia uma propaganda institucional do governo Geisel de que “Este é um país que vai pra frente”.

²³ Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/np6zGkghWLVbmLtdj3McywJ/?lang=pt>>

espectro da esquerda política pelos manifestantes. Percebe-se a refração ideológica de uma esquerda que quer impor uma vontade perversa, em linguagem coloquial, botar minhoca na cabeça das pessoas, principalmente daquelas que não podem se defender sozinhas, as crianças. No anel da família, corrobora-se essa estruturação responsiva. No anel da religião, o signo *ideologia de gênero* adquire o traço semântico da antinatureza, daquilo que tenta alterar o que Deus fez, isto é, o homem e a mulher, um para o outro, pelo laço matrimonial e pela função reprodutiva, com suas características biológicas próprias, com a subordinação da mulher em relação ao homem etc., o que não deixa de acender uma ligação direta com o signo *kit gay*.

No anel antissistema, ocorre o mesmo. É notável que tais signos sempre remetam à educação, disputando, portanto, avaliações sógnicas nessa área, haja vista os interesses materiais da classe dominante em relação à privatização do ensino. Outrossim, o anel antissistema passa a ser percebido como uma etapa que acresce ao signo uma refração ideológica de aversão valorativa. De um lado, os que o credibilizam, passam a ser avessos ao inimigo que, entende-se, é responsável por colocar em prática o signo, estimulando suas emoções de raiva contra esse inimigo. De outro, os que o descredibilizam, passam a nutrir aversão pelo signo e pelos que o reproduzem, estimulando o desprezo e a ironia.

No anel país, verificamos ainda uma outra vez, o acréscimo do elemento antipatriótico ao conteúdo do signo. É o que possibilita, por exemplo, no primeiro vídeo analisado, um manifestante dizer: “[...] nós estamos intercedendo, tirando os petistas daqui, deixando só os brasileiros [...]” (6:21-6:29, 2015). Esse fragmento permite perceber a relação entre o conteúdo do signo ideológico e sua respectiva valoração ideológica, no âmbito do sujeito, como fator que dinamiza a ordenação do sistema de anéis e a consequente acentuação enfática do signo ideológico ou mesmo a predileção por determinados signos ideológicos.

Por fim, o signo *escola sem partido* remete, na sua particularidade, a certa oposição ao *escola sem homofobia* e refrata ideologicamente a existência em formação de uma alternativa política para a educação, sob a qualidade aparentemente contraditória de ser de direita, ao mesmo tempo em que é apartidária. O movimento pela escola sem partido parece ter nascido em 2004, conforme é apresentado em site próprio²⁴, ou seja, no mesmo ano em que se estabelece o programa Brasil sem Homofobia.

O tema desse signo, na relação com o sistema dos cinco anéis, também não revela grandes diferenças quando comparado aos signos anteriores. Envolve muito visivelmente os campos antiesquerda, família, religião, antissistema e país.

²⁴ Disponível em: <<https://escolasempartido.org/>>

Considerando o conjunto dos três signos apresentados (kit gay, ideologia de gênero, escola sem partido), podemos verificar sua ascensão em um contexto marcado, globalmente, pelo avanço técnico e científico e pelo crescente nível da desigualdade econômica e da flexibilização do trabalho e das leis trabalhistas, repercutindo por exemplo na retirada de direitos e no processo de desaceleração de novas conquistas nesse âmbito social, fatores que, como vimos, contribuem na carga de refração dos signos. Interessante notar que a própria ciência passa a ser muitas vezes não só ignorada como também negada no processo da refração ideológica dos signos que compõem a revolução colorida, em específico, e a guerra híbrida, em geral, sendo um caso emblemático disso o signo do terraplanismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto, como Trabalho de Conclusão de Curso, buscou empreender uma análise sobre as relações entre os signos ideológicos presentes na aplicação estratégica de Guerra Híbrida no contexto brasileiro e a formulação estratégica da teoria dos cinco anéis, como sistema de campos ideológicos visados pela campanha informacional ocorridos no período estudado.

Para tanto, retomou a perspectiva do método filosófico do materialismo histórico dialético, a noção de linguagem e ideologia nos postulados teórico-conceituais de Volóchinov (2018), com os conceitos de ideologia, signo ideológico e ênfase valorativa (ou valoração), e voltou-se para o contexto de Guerra Híbrida (KORYBKO, 2018), como estratégia estadunidense aplicada ao Brasil em anos recentes, com vistas à subjugação política nacional.

Verificou-se que a natureza social dos signos analisados encerra também uma natureza de agregações semânticas no processo de refração ideológica da realidade. Os signos ideológicos analisados foram: *camisa verde e amarela, padrão FIFA, bandida*, no vídeo “Em ato contra governo, manifestantes explicam por que foram às ruas” (Folha de S. Paulo, 2015), e *kit gay, ideologia de gênero, escola sem partido*, no vídeo “Esquerdista entrevista apoiadores de Bolsonaro” (Canal Púrpura, 2018).

Acredita-se, assim, que foi possível atender ao objetivo de visualização do processo de materialização desses signos ideológicos nas falas destacadas, considerando a perspectiva do Círculo de Bakhtin, particularmente de Volóchinov (2018). A partir da análise desses signos, foi possível estabelecer uma relação entre eles e a estratégia dos cinco anéis como cinco esferas

do campo ideológico que caracteriza a Revolução Colorida e a Guerra Híbrida no Brasil, conforme os conceitos de Korybko (2018).

Dentro das limitações de uma monografia de conclusão de curso, bem como da complexidade do tema e da fundamentação teórica, pretendeu-se contribuir ainda que minimamente para as discussões que envolvem os estudos da linguagem. Assim, este trabalho traz subsídios para futuras investigações dos estudos da linguagem a partir do contexto histórico brasileiro.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 44, n. 1, p. 105-118, jan./jun. 2003.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CHAKHNAZÁROV, G.; KRÁSSINE, Iú. **Fundamentos do marxismo-leninismo**. Moscou (URSS): Edições Progresso, 1985.
- CORREIA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. Dossiê Feminismo em Questão, Questões do Feminismo. **Cadernos Pagu**, v. 16, p. 13-30, 2001.
- COSTA, Luiz Rosalvo. Ideologia, forças produtivas e processos de significação: a palavra selfie como signo ideológico. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 61, n. 1, p. 35-53, 2017.
- FERRARO, Alceu Ravanello. Liberalismos e educação: ou por que o Brasil não podia ir além de Mandeville. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 308-325, maio/ago. 2009.
- FOLHA DE S. PAULO. **Em ato contra governo, manifestantes explicam por que foram às ruas**. Youtube, 17 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JBrkxiBpCVQ&t=390s>>. Acesso em: maio 2021.
- GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso? **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 15, n. 1-3, p. 4-11, 1995.
- KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- LOPES, Monalisa Soares; ALBUQUERQUE, Grazielle; BEZERRA, Gabriella Maria Lima. “2018, a batalha final”: lava jato e Bolsonaro em uma campanha anticorrupção e antissistema. **Revista de Ciências Sociais (CIVITAS)**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 377-389, set./dez. 2020.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- PAULA, Luciane de. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, pp. 239-258, jan./jun. 2013.
- PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista Saúde Pública**, v.29, n.4, p.318-325, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v29n4/10>>. Acesso em: 29 nov. 2017.
- PÚRPURA, Mari. **Esquerdista entrevista apoiadores de Bolsonaro**. Youtube, 30 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p4VgX4Kii7w>>. Acesso em: maio 2021.
- SAINT-PIERRE, Héctor Luis. **A política armada: fundamentos da guerra revolucionária**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- TCHOUGOUNNIKOV, Serguei. **O círculo de Bakhtin e o marxismo soviético: uma “aliança ambivalente”**. trad. Ana Zandwais (PPG-LET – UFRGS). Dijon (França): Universidade de Bourgogne, p. 1-15, s/d.
- TSÉ-TUNG, Mao. **Cinco teses filosóficas**. 2. ed. São Paulo: Edições Nova Cultura, 2018.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.